

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO: ANÁLISE DE ESTUDOS SOBRE ESTES FENÔMENOS NO AMBIENTE ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO¹

LANGUAGE VARIATION AND LANGUAGE PREJUDICE: OBSERVING STUDIES ON THESE PHENOMENA IN THE SCHOOL ENVIRONMENT IN HIGH SCHOOL

Mariele Kássia Matuchac Vieira e Stefane Melo Borges Nascimento²

Simone Thompson de Vasconcelos³

RESUMO:

A variação linguística é um fenômeno observado inicialmente pela sociolinguística. Ela acontece de maneira natural durante a utilização da língua para a comunicação no dia-a-dia e é caracterizada pela diversificação da linguagem seja no vocabulário, na pronúncia, na morfologia ou sintaxe. Essas mudanças podem ocorrer por conseqüências de diversos fatores, tais como, região geográfica, sexo, idade, classe social de quem está falando e até mesmo o grau de formalidade do contexto da comunicação, pois nossa língua é dinâmica e flexível e se adapta e modifica conforme a situação. O problema surge a partir do momento em que não há conhecimento sobre a existência de variações, ocasionando assim o preconceito linguístico. Acredita-se, portanto, na necessidade de divulgar informações sobre as variações linguísticas para enfrentamento do preconceito linguístico, especialmente no ambiente escolar. Este trabalho tem o intuito de analisar a prevalência de estudos sobre a variação linguística no ambiente escolar no ensino médio

Palavras-chave: Variação Linguística; Preconceito Linguístico; Ensino Médio; BNCC.

ABSTRACT:

Linguistic variation is a phenomenon initially observed by sociolinguistics. It happens naturally during the use of language for everyday communication and is characterized by the diversification of language, whether in vocabulary, pronunciation, morphology or syntax. These changes can occur as a result of several factors, such as geographic region, gender, age, social class of the speaker and even the degree of formality of the communication context, as our language is dynamic and flexible and adapts and changes. as per the situation. The problem arises from the moment when there is no knowledge about the existence of variations, thus causing linguistic prejudice. It is believed, therefore, in the need to disseminate information about linguistic variations to face linguistic prejudice, especially in the school environment. This work aims to analyze the prevalence of studies on linguistic variation in the school environment in high school.

¹ Trabalho Final de Curso da Graduação em Letras - Português do Ifes Campus Vitória.

² MarieleKássiaMatuchac Vieira – Bacharel em Administração pela Faculdade de Aracruz – email: marituchac1@hotmail.com; Stefane Melo Borges Nascimento – Bacharel em Secretariado Executivo Trilingue pela Faculdade de Aracruz – email: stefanemeloborges@gmail.com

³ Simone Oliveira Thompson de Vasconcelos; Mestre em Educação em Ciências e Matemática, IFES – Campus Vitória – simone.vasconcelos@ifes.edu.br.

Keywords :Linguistic variation; linguistic prejudice; high school; BNCC.

1 INTRODUÇÃO

A funcionalidade da língua vem sendo observada e estudada há algumas décadas pela ciência conhecida como Sociolinguística Variacionista. Os estudos dessa ciência consideram a grande diversidade de expressões verbais de uma língua, ou seja, suas variações. Tamanha diversidade pode ter muitas causas, como o regionalismo, a cultura, a formação histórica, dentre outros. Além disso, diferentes situações também podem exigir diferentes formas de falar, o que também caracteriza uma variação linguística. Essas diferenças na verbalização podem gerar outro fenômeno dentro da língua, conhecido como preconceito linguístico que terá uma atenção especial neste trabalho, visto que este acontece principalmente pela falta de informação sobre a variação linguística.

Um dos ambientes mais favoráveis para a observação da variação linguística é a escola, por ser um local democrático, eclético e que recebe pessoas de diferentes grupos, regiões, idades e classes sociais, a escola torna-se ideal para análise, compreensão e aprendizado sobre variação linguística. Também é na escola que se aprende que existe uma padronização para a língua, ou seja, um modelo de como se deve escrever e falar regido pela gramática normativa e que é tradicional e exaustivamente ensinado em aulas de Língua Portuguesa. Talvez, por isso, torna-se um grande desafio lidar com a variação da língua dentro desse espaço social que é a escola, ocasionando, muitas vezes, o preconceito linguístico entre os próprios alunos.

Por essa razão, é urgente a necessidade de falar mais sobre este tema, principalmente no ensino da Língua Portuguesa, pois (pré) conceitos (Bagno, 1999) só podem ser superados a partir do conhecimento. Para tanto, considerando as variações linguísticas presentes na verbalização da língua portuguesa no Brasil, bem como o ambiente escolar ser um local de socialização e encontro de pessoas de diferentes idades e grupos sociais, torna-se propício para o aparecimento da variação linguística. A falta de informação sobre o fenômeno da variação linguística pode causar o

preconceito linguístico, assim este trabalho tem como objetivo analisar as contribuições dos estudos sobre variação linguística e preconceito linguístico no ambiente escolar no Ensino Médio, tendo por metodologia a pesquisa bibliográfica com revisão de literatura sobre o tema.

Com base no problema observado, o objetivo geral é analisar a prevalência de estudos sobre variação linguística e preconceito linguístico no ambiente escolar no ensino médio. Quanto aos objetivos específicos, refletir os principais tipos de variações linguísticas; identificar a importância do conhecimento sobre variação linguística para o enfrentamento do preconceito linguístico e apresentar propostas a fim de minimizar os impactos do preconceito linguísticos na modalidade de ensino observada.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

A sociolinguística é a ciência que observa a língua como ela verdadeiramente acontece. Ela preocupa-se em observar as línguas e suas transformações e adaptações. Os autores Cezario e Votre (2008, p. 141) dizem que “a sociolinguística é uma área que estuda a língua em uso real, levando em consideração as relações entre estrutura lingüística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”.

Por isso, para a sociolinguística “a língua é uma instituição social” (CEZARIO E VOTRE, 2008, p. 141) sendo inevitável que nela aconteçam variações. Toda e qualquer variação na língua é de interesse da sociolinguística. Contudo, é importante destacar que a linguística é precursora da sociolinguística, pois os linguistas já observavam a língua e sua função social e cultural.

A sociolinguística apresentada neste trabalho é a introduzida nos Estados Unidos na década de 1960 por William Labov e que também é conhecida como sociolinguística variacionista. Essa abordagem enxerga uma simetria nas variações observadas nas línguas, Cezario e Votre (2008, p. 142) afirmam que

“a abordagem variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia”. Nesse sentido, a sociolinguística variacionista comprova por estudos que as variações observadas na língua não acontecem por acaso, mas são motivadas por diferentes fatores.

Dentro dos estudos da sociolinguística sobre o processo de variação, destaca-se três tipos de variação linguística apresentadas por Cezario e Votre (2008): a regional, que refere-se a localização geográfica do falante; a social, que compreende a classe socioeconômica associada a idade, escolaridade e outros elementos sociais; e a variação de registro, que considera as exigências do contexto no qual determinada comunicação acontece. Ao relacionar as possíveis variações linguísticas, a sociolinguística amplia a discussão sobre o tema e colabora ainda mais para o ensino da língua.

2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua é algo que está vivo e em constante evolução. Todo momento estamos modificando a forma de nos comunicar, daí surge a variação linguística que é a capacidade da língua se transformar e se adaptar. Bagno (1999, p. 20) declara que “a língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma padrão”. Assim, variação linguística é a diversidade observada na utilização verbal ou escrita da língua. Tais variações podem acontecer por diferentes motivos, como por exemplo, o regionalismo.

A comunicação verbal acontece de maneira própria e, se comparada com as regras (no caso as gramaticais), a diversidade percebida, principalmente, na oralidade é considerada como variação da língua ou variação linguística, o que pode ser confundido, muitas vezes, com erro na linguagem. Mas se considerado a heterogeneidade de cada sociedade, é fácil concluir que a língua, como meio de comunicação, também será heterogênea, assim como afirma Bagno (2007, p. 03) “a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em

desconstrução e em reconstrução”. Por isso para a sociolinguística, a língua molda-se de acordo com a necessidade de comunicação do falante, evoluindo com a sociedade.

2.2.1 TIPOS DE VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

As variações existem e são resultantes da influência de valores extralingüísticos. Algumas estão mais sujeitas ao preconceito linguístico, uma vez que estão associadas a certos grupos sociais, como o caipira, o nordestino, pessoas que em algum momento da história foram segregadas da sociedade. As variações ocorrem de acordo com alguns componentes como, por exemplo, relação histórica, regional, social e situacional.

Sobre relação histórica, a língua foi evoluindo com o tempo, para Coelho (2010, p. 13) “a língua é analisada como um produto de uma série de evoluções que ocorrem ao longo do tempo, portanto como algo mutável, dinâmico.” Na antiguidade era usado o pronome de tratamento “vossa mercê”, que passou a ser chamado de “vosmecê” e evoluiu mais ainda chegando no “você”, utilizado nos dias atuais. Em tratando-se de relação diatópica, regional ou geográfica, é aquela onde podemos identificar, “às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa através do modo como ela fala” (COELHO, 2010, p. 76). Utilizamos nosso país como exemplo, pois dentro do Brasil existem muitas palavras ditas em regiões diferentes que possuem o mesmo significado. Por exemplo, mandioca, aipim e macaxeira, que são palavras diferentes que representam a mesma raiz. Até mesmo o sotaque ou variação fonética do “R” e do “S” se encaixam nesse tipo de variação, onde por exemplo, o carioca fala com sotaque diferente do paulista, que por sua vez, é diferente do gaúcho, dentre outros, mesmo todos morando num mesmo país, ou seja, apresenta marcas distintivas da fala.

Ainda temos a variação social ou diastrática, “onde a fala pode refletir diferentes características sociais dos falantes” conforme defende Coelho (2010, p. 78). Esse tipo de variação está relacionada a diversos fatores como: classes sociais ou nível socioeconômico, ou seja, quanto mais cultura a pessoa tem

acesso, de maneira mais formal ela irá se comunicar; gênero: onde podemos observar que homens e mulheres se comunicam de forma diferente; grupos sociais: onde observamos que cada grupo tem sua maneira de se comunicar, surfistas, nerds, skatistas, dentre outros usam suas próprias gírias e linguagem para haver comunicação. E por último, variação situacional ou de estilo, que está relacionada a situação de uso da língua, ao que é adequado e não adequado para diversas ocasiões. Onde o uso da língua da norma coloquial é diferente da norma culta, que por sua vez tem mais prestígio social. Coelho (2010, p. 85) salienta que:

(...) sabemos que a escrita, por geralmente estar associada a ambientes de maior monitoramento linguístico, costuma impor a seus produtores regras mais rígidas de conformidade às formas da variedade padrão. (...) ainda assim na escrita encontramos formas mais ligadas às variedades de prestígio. Na fala, encontramos formas mais ligadas à linguagem coloquial.

Todas as variações são importantes, porém, poucas são estudadas e conhecidas como variação, pois muitas vezes são estigmatizadas na própria língua.

Lima (2019, p. 30) afirma que:

As relações sociais fazem com que as variantes linguísticas sejam denominadas como variantes de estigma ou variantes de prestígio, de acordo com os falantes que as utilizam (...) Dessa maneira, os valores das variantes linguísticas são atribuídos socialmente, de acordo com o patamar ao qual pertence cada falante, mais precisamente, quanto maior for a escala socioeconômica e o grau de escolarização dos falantes, maior será o prestígio das variantes linguísticas usadas por eles.

Quando acontece o menosprezo pela maneira com que o outro fala, acontece então o preconceito linguístico, que é um julgamento desrespeitoso e humilhante da fala do outro. O importante é compreender que mesmo havendo erros gramaticais, se houve comunicação efetiva, o papel da língua foi cumprido.

2.3 PRECONCEITO LINGÜÍSTICO: CONSEQUÊNCIA DA DESINFORMAÇÃO SOBRE A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

Ainda pouco se fala sobre as variações existentes na língua falada, pois o que se ensina e aprende desde sempre nas escolas em aulas de língua portuguesa é que existe uma norma padrão da língua que deve ser obrigatoriamente escrita e falada para se enquadrar em qualquer ambiente ou situação social. Pereira, Teixeira e Gomes (2021, p. 1) define preconceito linguístico como “uma forma de discriminação causada pelas diferenças no uso de uma língua e na forma de se comunicar em um determinado local, região ou grupo”. Portanto, a não aceitação das diferentes variações existentes na língua configura-se como preconceito linguístico.

Bagno (2007, p. 8) diz que:

O preconceito lingüístico está ligado, em boa medida, a confusão que foi criada, no curso da história, entre *língua* e *gramática normativa* (...) Uma receita de bolo, não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua.

Bagno (2007, p. 38) também explica a existência do preconceito linguístico:

(...) se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática- dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...]

Ou seja, para Bagno (2007) a prevalência de uma norma específica é o que desencadeia o preconceito linguístico. É possível que alguém esteja pensando: se o ensino da gramática é o vilão, então por que ensinar gramática normativa nas escolas? Possenti (2000, p.16) diz que “o objetivo de escola é ensinar o português padrão, ou talvez, mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido. Qualquer outra hipótese é um equívoco político e pedagógico”. É necessário que os alunos aprendam as normas para que tenham condições de ler, compreender e escrever todos os tipos de textos. É bem verdade que nem sempre esse objetivo é alcançado, isso devido a alguns

fatores como falha nas estratégias metodológicas adotadas pelas escolas para o ensino da língua ou mesmo por questões sociais, como afirma Possentti (2000).

A gramática, que é a norma padrão na língua portuguesa, infelizmente serve como um ponto de referência para “justificar” o preconceito linguístico, pois só se pode considerar algo “errado” quando o compara com o “certo”. Contudo a questão não é problematizar a gramática ou despi-la de sua importância, é sobre aceitar que concomitante a ela, a língua vive, sobrevive e se adapta. Porém, não existe homogeneidade linguística no Brasil. O português brasileiro é tão diverso quanto o povo. Bagno (1999) afirma que a falta de reconhecimento dessa variedade linguística leva as escolas a ensinarem somente as normas gramaticais e desconsiderarem as diferentes realidades da sua população. Ou seja, mais um gatilho para acionar o preconceito linguístico, pois sem conhecimento só resta o julgamento.

Portanto, apesar de existir uma estrutura a ser seguida para organização da língua, é preciso reconhecer e valorizar a existência também de variações dessa estrutura, que não desorganiza a própria língua, mas que a faz cada vez mais própria e única. O domínio da língua culta ainda é visto como poder, por isso uma variação dela, por preconceito, acaba perdendo o valor. É preciso quebrar preconceitos enraizados e isso só acontece com conhecimento e aceitação.

2.4 A BNCC E SUAS ABORDAGENS SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Infelizmente o preconceito linguístico existe, especialmente em relação aos que possuem mais estudo, àqueles que são menos letrados e foi dito e compreendido até aqui que a falta de informação sobre as variações linguísticas é um agravante para a disseminação deste problema social. Mas como as legislações educacionais se posicionam sobre as variações linguísticas?

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998) orientam que o preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia. O que não se pode permitir é que esse preconceito faça parte da rotina da escola. Para tanto, os professores precisam trabalhar com seus alunos a questão da variação linguística, pois num país tão imenso como o Brasil, onde até mesmo nossa cultura é extremamente diversificada, nada mais natural a língua passar por transformações e se adaptar a cada região.

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em "Língua Portuguesa" está se falando de uma unidade que os constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala (BRASIL, 1998, p. 29).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) destaca:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BRASIL, 2017, p. 81).

Para a Área de Linguagens a BNCC no Ensino Fundamental, orienta "discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica" (BRASIL, 2017, p. 83). Já para o Ensino Médio, o mesmo documento orienta:

Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e combatendo situações de preconceito linguístico" (BRASIL, 2017. p. 486).

Para atender as orientações de documentos oficiais e colaborar para o combate a este problema social que é o preconceito linguístico.

Ou seja, nota-se a BNCC reflete sobre as variações da nossa língua, de forma a minimizar e trabalhar as questões que envolvem o preconceito linguístico. Ainda sobre variação linguística, A BNCC orienta:

Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos. Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica. (BRASIL, 2017, p. 85).

Apesar de a BNCC orientar a conhecer algumas variedades linguísticas, ainda é perceptível a ênfase no ensino da língua pautado nos princípios da gramática normativa, assim como afirmam Patriota e Pereira (2018, p.2) “a abordagem atribuída ao ensino da língua materna encontra-se associado ao ensino prescritivo da língua, isto é, um ensino alicerçado nas regras gramaticais preconizados pela Gramática Normativa”.

Por esse motivo, torna-se superficial a abordagem sobre variação e preconceito linguístico neste documento, dizendo aquém do esperado sobre essa temática.

Enfim, a norma padrão não será deixada de lado, pois a escola precisa preparar os alunos para a vida, ou seja, o aluno precisa conhecer a norma padrão, pois em diversas situações ela será utilizada. Por outro lado, o aluno também precisa conhecer as variações presentes na nossa língua, de forma a se construir conhecimento a fim de se combater o preconceito linguístico, pois toda linguagem tem sua contribuição cultural e social.

2.5 ESTUDOS SOBRE PRECONCEITO LINGUÍSTICO X VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO AMBIENTE ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO

Após análise de estudos sobre a existência de preconceito linguístico no ambiente escolar em séries do Ensino Médio, notou-se quão atrelado este

problema está à desinformação sobre variação linguística, visto que em diversos trabalhos é possível encontrar citações a respeito da necessidade de ampliar e normalizar as discussões sobre esses fenômenos sociais, a variação linguística e o preconceito linguístico. No artigo de Petermann e Alves (2018, p. 3), os mesmos destacam:

Tendo como base a compreensão de linguagem como produto e produtora da interação social e, por isso, uma prática social, verificou-se também uma necessidade de mudar o ensino de línguas na escola. Dessa forma, estudos sobre Variação Linguística começaram a ser integrados ao trabalho em sala de aula, com o intuito de refletir sobre a grande variedade linguística existente, deixando de lado o antigo pensamento dicotômico de “certo” e “errado”, e introduzindo uma reflexão acerca dos usos mais ou menos legitimados de forma situada.

Em outro artigo de Neto, Souza, Pinheiro e Luterman (2018, p. 4), consta a afirmativa que:

Aprendemos que ensinar língua portuguesa vai muito além dos aspectos linguísticos, que a heterogeneidade dos alunos é algo que deve ser levado em conta no planejamento de toda e qualquer aula. É preciso dar voz e autonomia a eles para que o educador possa, assim, mediar o conhecimento e fazer da aula não a sua aula, mas a aula dos alunos e para os alunos.

Para tanto, Lima (2019, p. 120) diz que:

É fundamental que a escola abandone o mito da unidade linguística e reconheça, na íntegra, a diversidade da língua portuguesa utilizada no Brasil, com o intuito de propiciar ações que valorizem, não somente, as variedades ditas “cultas”, como também, as variedades consideradas desprestigiadas pela sociedade.

Assim, é urgente a necessidade de promover, no ambiente escolar, maior conhecimento sobre a heterogeneidade da língua portuguesa, a fim de enfraquecer o preconceito linguístico, assim como afirma Bagno (1999 p. 47) “se tivermos de incentivar o uso de uma norma culta, não podemos fazê-lo de modo absoluto, fonte do preconceito. Temos de levar em consideração a presença de regras variáveis em todas as variedades, a culta inclusive”.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente trabalho teve como base a pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica justifica-se pela necessidade de pautar a investigação sobre o tema, em estudos devidamente publicados e comprovados, além de atender ao objetivo e responder ao problema do respectivo trabalho. Por essa razão serão analisados livros, artigos e sites relacionados ao tema abordado, visto que segundo Gil (2002 p.44) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científico”.

Para analisar as contribuições dos estudos sobre preconceito linguístico no ambiente escolar do Ensino Médio foi pesquisado no Google Acadêmico as palavras chaves “preconceito linguístico” + “ensino médio”, sendo encontrados 31.100 trabalhos e refinando a busca para trabalhos dos últimos cinco anos foram encontrados 15.800 trabalhos sobre esse tema. Também foi pesquisado no mesmo portal as palavras chaves “variação linguística + ensino médio” para trabalhos a partir do ano de 2017 e foram encontrados 14.600 resultados. Dentre os trabalhos disponíveis nestas pesquisas, foram selecionados quatro trabalhos acadêmicos cujos temas e conteúdos se aproximavam mais do objetivo desta pesquisa, foram eles “A Variação Linguística Em Sala De Aula: mote para uma superação do Preconceito Linguístico” de Francisca Erik Larisse Nogueira Lima (2019), que tem como objeto de estudo o preconceito linguístico e a variação linguística, além de buscar meios de propiciar aos alunos o conhecimento sobre as variedades linguísticas existentes; “Variação Linguística e Pluralidade Cultural: sociolinguística para alunos do ensino médio” de Arnaldo Guilherme Soares Neto, Ludmilla Rodrigues de Souza, Nilza Amaro dos Santos Pinheiro e Luana AlvesLuterman (2017), que é um relato de experiência com o objetivo de discutir a variação linguística; “Língua, variação e livro didático: análise da abordagem da variação linguística em manuais didáticos do Ensino Médio” de Rafael Petermann e Luiz Henrique Alves (2018), que analisou três livros didáticos sob a ótica da abordagem sobre variação linguística, buscando relacioná-la à prática social; e “Preconceito Linguístico e seu impacto social” de Pedro Afonso Pereira, Leonardo Liberal Teixeira, Julia de Oliveira Gomes (2021), que tem como foco o preconceito linguístico e sua relação com o ensino de línguas e com questões sociais.

4 REFLEXÕES A PARTIR DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Este trabalho observou que a variação linguística é um fenômeno real que está entranhado na sociedade, como afirma Bagno (1999, p.15) “embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade”. E discutir sobre essa temática é algo cada vez mais oportuno, pois, assim como destacou Neto et.al (2017, p.10) “acreditamos que a discussão desse tema em sala de aula contribui para uma sociedade mais justa e igualitária”.

Já o preconceito linguístico está associado a comparação das variações com a norma padrão da língua, como afirmam Pereira et.al (2021, p. 1) “o preconceito linguístico é uma forma de discriminação causada pelas diferenças no uso de uma linguagem e na forma de se comunicar em um determinado local, região ou grupo”. Também observou-se que tal preconceito é agravado com a falta de informação sobre as variações linguísticas existentes, por isso Lima (2019, p. 16) diz que “percebemos a necessidade de adequar o estudo da língua materna à realidade dos alunos, isto é, propor ao alunado um ensino voltado para o uso da língua nos mais diversos contextos”, o que também é destacado por Bagno (1999, p. 3): “É preciso garantir, sim, a todos os brasileiros o reconhecimento (sem o tradicional julgamento de valor) da variação linguística (...)”. Dessa forma, Petermann e Alves (2018) também ressaltaram que:

Estudos sobre Variação Linguística começaram a ser integrados ao trabalho em sala de aula, com o intuito de refletir sobre a grande variedade linguística existente, deixando de lado o antigo pensamento dicotômico de “certo” e “errado”, e introduzindo uma reflexão acerca dos usos mais ou menos legitimados de forma situada.

Além disso, notou-se que os estudos existentes sobre variação linguística e preconceito linguístico no ensino médio colaboram para o ensino dos mesmos no ambiente escolar, contudo faz-se necessário reforçar sobre a importância da formação continuada nessa área para os professores. Pois esses são os principais responsáveis em promover uma mudança de pensamento nos

nossos alunos, que muitas vezes desconhecem tamanha variedade da nossa língua. Dessa maneira, esta é uma pesquisa inesgotável, visto que as variações surgem, são disseminadas e é preciso o ensino constante sobre o assunto para que haja verdadeiro enfrentamento ao preconceito linguístico. Assim como afirmam Pereira et.al (2021, p.5):

Por ser um problema muito complexo e com diferentes formas de manifestação, o preconceito linguístico é difícil de ser abordado e dificilmente será erradicado. No entanto, ele pode ser mitigado com ações sistêmicas que ajudem a normalizar a tolerância linguística.

Todo tipo de preconceito pode ser combatido com o respeito, e não é diferente com o preconceito linguístico, Bagno (2007 p. 131) diz que “respeitar a variedade linguística de toda e qualquer pessoa, equivale a respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo contemplou uma pesquisa bibliográfica em torno de dois fenômenos sociais: a variação linguística e o preconceito linguístico, sendo apresentado seus conceitos e causas, além de estudos sobre a abordagem desses temas no ambiente escolar.

Foram elencados os principais tipos de variação linguística e destacada a necessidade de promover mais informação sobre esta temática afim de contribuir para as reflexões sobre a necessidade de combater o preconceito linguístico no ambiente escolar.

Diante da pesquisa realizada, constatou-se que, apesar de existir um número considerável de trabalhos abordando os temas citados, esta é uma pesquisa contínua e que permite novos caminhos, pois aborda fenômenos que evoluem de acordo com a sociedade, e precisam ser constantemente estudados e acompanhados. Contudo, nota-se que são eminentes as contribuições dos estudos analisados sobre variação linguística e preconceito linguístico no ambiente escolar no Ensino Médio, pois demonstram causa e justificativa para

a ocorrência desses dois fenômenos, oferecendo assim, embasamento para compreendê-los. Conclui-se, portanto que o preconceito linguístico pode ser enfrentado disseminando informação sobre a variação linguística.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro, 2011c.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2018.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso - Por uma pedagogia da variação lingüística**. São Paulo. Parábola. 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 49 ed. São Paulo. Edições Loyola. 1999.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília, 1998.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 set. 2021.
- CESÁRIO, M. M.; VOTRE, S.; COSTA, M. A. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 141-155.
- COELHO, I. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC, 2010. 172 p.: 28.
- GNERRE; Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 3ª edição. São Paulo. Martins Fontes Editora. 1991.
- INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos e científicos**: documento impresso e/ou digital. 8. ed. rev. e ampl. Vitória: Ifes, 2017. Disponível em:
<http://biblioteca.ifes.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/000012/0000121A.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2020.
- IRANDÉ, A. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- LIMA, F. E. L. N. **A variação linguística em sala de aula: mote para uma superação do preconceito linguístico**. Currais Novos, RN, 2019.

LÍNGUA. *In*: **App Aurélio Digital** – Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. PSD Educação. 2020.

MACIEL, L. de S. **O preconceito linguístico e sua relação com aprendizagem de alunos do 7º ano**. Centro Universitário de Brasília (Faculdade de Educação e Saúde). Brasília: 2014.

NETO, A. G. S. N.; SOUZA, L. R. de; PINHEIRO, N. A. dos S.; LUTERMAN, L. A. **Varição Linguística e pluralidade cultural: sociolinguística para alunos do ensino médio**. III Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas. Goiás: 2017.

PEREIRA, Paulo Ricardo Ferreira; PATRIOTA, Luciene Maria. **O lugar da variação linguística na base nacional comum curricular**. Anais III JOIN / Edição Brasil. Campina Grande: Realize Editora, 2017

PEREIRA, Pedro Afonso; TEIXEIRA, Leonardo Liberal; Gomes, Julia de Oliveira. **Preconceito Linguístico e seu impacto social**. Belo Horizonte: 2021.

PETERMANN, R.; ALVES, L. H. **Língua, variação e livro didático: análise da abordagem da variação linguística em manuais didáticos do Ensino Médio**. Revista Língua Tec. Bento Gonçalves: 2018.

PORTO, B. **Aquecimento global**. Figura formato JPEG. Disponível em: http://www.bernardoporto.com/wp-content/uploads/2009/10/1570_Charge-796302.jpg . Acesso em: 4 ago. 2010.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 6 ed. São Paulo. Mercado de Letras: Associação de Leituras do Brasil. 2000.

SILVA, P. A. P., TEIXEIRA, L. L.; GOMES, J. O. **Preconceito linguístico e seu impacto social**. Anais Do Congresso Nacional Universidade, EAD E Software Livre, 2(12). 2021.

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIELE KASSIA MATUCHAC VIEIRA

STEFANE MELO BORGES NASCIMENTO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO: ANÁLISE DE ESTUDOS SOBRE ESTES FENÔMENOS NO AMBIENTE ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de ARTIGO, apresentado à Coordenadoria do Curso Superior de Licenciatura em Letras-Português, na modalidade EAD – do Instituto Federal do ES – IFES -Campus Vitória – ES, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras-Português.

Aprovado em 13 de Dezembro de 2021

COMISSÃO EXAMINADORA

Nome do orientador: Simone Oliveira Thompson de Vasconcelos

Nome do Membro da banca 1: Thiago Zanotti Pancieri

Nome do Membro da banca 2: Helton Andrade Canhamaque



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CAMPUS VITÓRIA

Avenida Vitória, 1729 – Bairro Jucutuquara – 29040-780 – Vitória – ES

LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS - EAD

ATA DE APRESENTAÇÃO E ARGUIÇÃO ORAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - FINAL

Aos treze dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e um, no horário de 20 horas, reuniu-se via web a **Banca Examinadora composta pelos professores:**

Orientador(a): Simone Oliveira Thompson de Vasconcelos

Professor convidado 1: Thiago Zanotti Pancieri

Professor convidado 2 : Helton Andrade Canhamaque

para avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Letras/EAD intitulado “Variação Linguística e Preconceito Linguístico: Análise de estudos sobre estes fenômenos no ambiente escola do ensino médio”

de autoria do (s) aluno (s) : Mariele Kássia Matuchac Vieira e Stefane Melo Borges Nascimento

O (a) presidente da banca examinadora, professor (a) orientador (a), após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares da apresentação do TCC, passou a palavra para o (a) estudante, para a apresentação de seu trabalho por 10 minutos, no máximo. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do estudante. Logo após, os examinadores se reuniram, sem a presença do estudante e do público (offline), para julgamento e expedição do resultado. Finalizada a análise da Banca Examinadora, o (s) aluno (s) foi considerado:

APROVADO SEM RESTRIÇÃO COM NOTA 90,0 (Noventa)

APROVADO COM RESTRIÇÃO*, COM NOTA _____

O resultado será comunicado publicamente ao estudante pelo Presidente da banca. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada e foi lavrada a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da banca avaliadora.

Professor (a) orientador (a) *Simone Oliveira Thompson de Vasconcelos*

Professor (a) Convidado (a) 1 *Thiago Zanotti Pancieri*

Professor (a) Convidado (a) 2: *Helton Andrade Canhamaque*

Vitória, 13 de Dezembro de 2021.

*** EM CASO DE APROVAÇÃO COM RESTRIÇÃO, ESPECIFICAR ABAIXO O QUE SERÁ PRECISO MELHORAR/REFAZER NO ARTIGO.**